

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

ACERCA DA LIBERDADE, pelo padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Breves considerações sobre o estado presente da Igreja em Portugal, IV, Os bispos*, pelo padre Martins Capella.—SECÇÃO LITTERARIA: *A eschola classica, a pintura e a litteratura em Hespanha*, pelo padre F. Sauehes; *A cidade que habito*, por um Spectator.—EDICÕES DE PROPAGANDA CATHOLICA: *Historia popular dos Papas*, por R. Velloso.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 31 DE MARÇO

Livros, folhetos, jornaes, andam por ahi cada vez mais peçados, e as faces dos tribunos cada vez mais enfumadas da magica palavra—liberdade. Nem por isso vejo eu que a sua significação pratica se accentue e que á força de ser proclamada, se estabeleça e se generalise na vida publica.

E', contudo, na «exacta correlação entre os nomes e as cousas que reside em grande parte a vida e a salvação das sociedades», diz um genio christão. Portanto corre ao jornalismo catholico o dever indeclinavel de restabelecer o verdadeiro sentido dos nomes, e de derribar esses paraventos improvisados de phrases illusorias, por de traz das quaes se escondem erros funestissimos, e rugem tempestades ameaçadoras.

Corre-lhe, digo, o dever de restituir, quanto possivel, ás grandes realidades o seu lugar legitimo na estima dos povos; e a liberdade é para mim uma d'ellas,

«Palavras, palavras com isto governam-se os homens», dizia conceituosa e satyricamente Shaskpeare, comtudo as nações não podem viver de palavras senão de realidades.

Sobejamente conhecida é a trilogia liberalista, *liberdade, igualdade, fraternidade*, que, incubada entre as paredes ruidosas da assemblea nacional ao hallito febril de Mirabeau, tem sido ensinada ás massas como o dogma fundamental do pensamento politico moderno, pelas gerações dos seus apostolos. Repudia-a absolutamente seria d'alguma sorte repudiar o Evangelho, mas ninguem ignora

como esse dogma tem sido inscripto no coração das nações europeias ora com a cuspile dos punhaes, ora com a baioneta dos arcabuzes, ora com os maravilhosos typos de Guttemberg, mais pacificos sem duvida, mas de um resultado mais eficaz e duradouro.

Da fauce entreaberta despeja o prelo myriades de livros, e myriades de myriades de gazetas diarias, que, semilhanças ás folhas dispersas da Sybilla, são arjadas sobre as azas do vapor, a todos os pontos do glóbo e cahem sobre a multidão avida que as aguarda, como uma tintura quotidiana, que lava e se infiltra na substancia mais intima da intelligencia e do coração, acabando por colorir irremediavelmente a estófa da opinião publica. Para muitos, o que anda impresso não pôde deixar de ser verdade, e embóra não creiam no Evangelho, sondemol-os e veremos que o seu credo é simplesmente o jornal de que são assignantes.

Eu, por mim, confesso que quanto mais repetida, assoalhada, apregoada vejo uma theoria até á importunidade, menos creio n'ella, menos segura e clara me parece.

Falla-se demais da liberdade para ser uma cousa real. A verdade patente falla por si mesma, impõe-se sem ouros de palavras insidiosas, refulge como o sol atravez de um ether homogeneo, não carece de reflectores como a luz das vitrinas.

Não significa isto descrever da liberdade, apresso-me, pelo contrario a affirmal-a altamente.

Supprimil-a, seria supprimir em religião o principio palmar do merito e do demerito, em politica a razão de ser dos governos e das leis, na industria e no commercio a mais poderosa alavanca do seu desenvolvimento, e no homem a propria intelligencia, porque esta, como o indica a sua etymologia—*inter-legere*—significa escolher entre duas ou mais cousas: ora a escolha não pôde existir sem a liberdade. Que sou, ou que posso eu ser senão o guarda nato do Evangelho de Jesus Christo? E ser-me-ha jámais licito negar que de cada uma d'aquellas paginas de ouro reçuma o licór generoso que acordou o homem do lethargo estúpido e secular d'uma ignobil tutella, e deu emfim

uma circulação normal ao sangue da republica, entorpecido pela oppressão do despotismo cesarico? Posso eu negar que cada uma d'aquellas linhas, sobre as quaes paira o espirito do Verbo, despedaçou um elo da cadeia immensa que roxeava os pulsos dos escravos, para irem lançar-se nos braços d'aquelles de quem não sabiam que eram irmãos, e cingiu a fronte da humanidade da auréola eclipsada da liberdade, que só scintillava sobre a cabeça dos poderosos?

Mas o Christo disse: «Será a verdade que vos emancipará *veritas liberabit vos*, e não disse, será o erro, nem será revolução armada até aos dentes de instrumentos de morte, nem a tyrania fardada com o uniforme usurpado da liberdade.

Não accoitemos, pois, de contado palavras equivococas nem phrases caviliosas: estudemos-lhes o sentido, definamol-as primeiro, para não sermos facilmente embaidos.

O que é a liberdade? Será ella um facto ou um direito? Uma e outra cousa; e é precisamente da confusão d'estas duas noções entre si tão distinctas, que provém o abuso enorme que os homens da revolução tem feito d'ella.

As grandes aberrações dos individuos e das sociedades em todos os tempos, desde o fraticidio de Abel até aos infanticidios de Troppman e ao assassinato de Garcia Moreno, desde o saque de Sicheim pelos filhos de Jacob até ás violencias febris de Cartagena, desde as oppressões selvaticas da Prussia protestante até aos regicidios de hontem, são outros tantos testemunhos da liberdade *facto*, mas outras tantas negações da liberdade *direito*. A liberdade, na sua elevada e unica racional accepção, é um direito; ora todo o direito suppõe um poder legitimamente dirigido (*direito—directum* ou *rectum*, conforme á regra) e nenhum poder de executar o mal, e de abraçar voluntariamente o erro será jámais legitimamente dirigido. N'uma palavra, a liberdade é um direito sagrado e inalienavel á verdade e ao bem; nunca, porém, um direito ao mal, termos que mutuamente se excluem. Os seus titulos de posse estão na santidade d'aquelles principios; se os perde ou os abdica já não é uma cidadã a quem todos devem conceder transito franco, é uma intrusa,

é uma aventureira sinistra, contra quem cada um deve fazer da sua casa uma cidadella.

N'isto consiste a antinomia radical que existe entre a accepção que nós, catholicos, damos á palavra liberdade, e a que lhe dão, em grandissima parte, os descendentes de 93. Para elles é ella uma actividade sem direcção racional; acephala, absoluta, um direito ao arbitrario, nós definimol-a com Bonald *um principio de actividade intelligente para a verdade e para o bem.*

Entendida d'esta fórma, não é ella por certo, nem pôde ser hostilizada pela religião, nem por homem algum racional. Longe d'isso, quem a não reclamará, quem a não estremecerá? Quem não ambicionará a maior actividade regulada para a ordem, para a prosperidade da cousa publica, para a verdadeira civilização christã?

Quem não terá pelo ideal da segurança privada e geral um estado social em que todos os direitos sejam reciprocamente respeitadas, desde os degraus do throno até á sandalia do mais humilde camponez e á blusa encardida do artifice; em que ninguém por conseguinte seja ou possa ser tolhido no exercicio legitimo das suas faculdades moraes ou physicas, nem haja obices odiosos que se interponham ao largo futuro de que cada um carece para attingir o seu maximo desenvolvimento pela sua maxima energia? Ou quem deixará de optar por uma liberdade em que o aprender e o ensinar não sejam o apanagio de uma classe exclusiva, e em que não haja restricções desleaes ás coadunações de todos os que quizerem centuplicar a sua energia individual pela associação (na ordem e para a ordem), nem péas impostas á comunidade d'aquelles espiritos generosos que se obrigam por um vinculo de consciencia a cultivar de conserva as flores da virtude, e a partilhar em commun os sorrisos da sua caridade, e da sua ventura inoffensiva?

Ninguém tem o direito de repudiar um semilhante estado social, mas esse estado é simplesmente a liberdade de sangue puro, e essa já não é o lote nem o monopolio d'este ou d'aquelle governo, é apenas a condicção natural a que todos elles deveriam aspirar, para serem o reino das leis e não dos homens, a suprema consagração do direito e não da força.

Desenvolveremos mais este assumpto se o tempo nol-o permittir.

PADRE SENNA FREITAS

SECÇÃO RELIGIOSA

Breves considerações sobre o estado presente da Igreja em Portugal

IV.

OS BISPOS

O nosso abatimento religioso, sequencia dos maus tratos á Igreja desde um seculo a esta parte, é já hoje um facto tão notorio como complexo.

Venho a dizer com isto que será tão impossivel negal-o, como assignar-lhe uma causa unica.

A meu vêr, teve ali a melhor parte o *pombalismo* metediço e desalmado, inoculado á farta nas classes letradas e deixado em herança aos homens do poder; o *virus* revolucionario, dissolvente e corrosivo por indole, e sobre tudo a brutal amputação das ordens religiosas que, determinando copiosa hemorragia, reduziu naturalmente a esta deploravel anemia a Igreja portugueza, onde apenas leves e raros symptomas de reacção denunciavam a vida.

N'estas tristes circumstancias, quantos se compadeceem do misero estado do enfermo e desejam sinceramente se restabeleça, põem os olhos no episcopado e bem quizeriam que este, tomando-o resolutamente nos braços lhe bradasse ao ouvido aquelle grito que dá vida aos mortos: *Luzare, eri foras!*—Levanta-te Lazarot!

E como os milagres nunca foram vulgares para o serem em nossos dias, acontece que este sendo da mesma natureza não promette vir de prompto: o que não obsta a que seja lançada á conta de pequice dos snrs. bispos esta desgraçada omissão.

De facil e commodo expeliente é o processo de descarregar sobre os outros a culpa dos males communs; assim elle fóra racional e honesto. O que mais se consegue é lisongear negativamente a propria vaidade e aturdir por um momento a consciencia que a final não fica pelos autos.

Sejamos rasoaveis.

Não foram certamente os snrs. bispos quem nos precipitou n'este misero estado; se não nos ampararam na quêda é que o peso era enorme, desmedidamente superior ás forças humanas.

Vindo a faltar de repente os mosteiros e congregações religiosas, o peso inteiro da Igreja recahiu nos bispos que bem precisavam então dos hombros de Atlas para não serem esmagados.

No meio das ruinas elles permaneceram de pé, e tão firmes e a prumo como essas columnas do *Forum* romano, ostentando em toda a pureza archi-

tectonica o seu elegante perfil, e a parte da cimalha correspondente. Dão a medida do edificio antigo e da aptidão do architecto.

Agora querer que tudo resurja de prompto e como por encanto á voz do bispo é um generoso e amplo desejo que de boamente partilho, ainda que não acho sufficientemente justo e rasoavel exigir a sua satisfação.

E' um erro muito commum este de nos agastarmos porque as cousas não correm á meuida dos nossos desejos. Cahimos assim na asneira de fazer equação entre os deveres alheios e os nossos proprios desejos.

Quem ha ali tão desassisado para exigir que todos os capitães sejam uns Alexandres ou Bonapartes, todos os poetas Virgílios ou Camões, todos os oradores Demostenes ou Ciceros, Chrysostomos ou Vieiras, todos os pintores Rafaelis?

E porque os nossos bispos não chegam á craveira dos Athanasios, dos C. Borromeus, dos F. de Salles, dos B. dos Martyres, dos Dupanlous, dos Vital d'Oliveira havemos de passar-lhes titulo de incapacidade e condemnal-os nas custas do processo?

Não, não é christão isso, nem justo, nem honesto.

Bem sei eu que muito haviamos mister de bispos d'aquelle tempera, pois tudo precisa refeito: Seminarios, cabidos, concilios provinciaes, visitas de dioceses, conferencias e retiros ecclesiasticos, catholicismo, imprensa, associações religiosas, congregações de ensino; tambem queria muito mais zelo e firmeza, união intima dos membros do episcopado portuguez entre si, conformidade de vistas e de intenções, e mais caridosa ainda a sollicitude do proprio clero e dos fieis. . . —*ut sint unum*, — mas já perguntamos a nós mesmos se acaso seremos dignos de ter uns prelados assim?

Se é certo que os povos tem os pastores que merecem. . .

Sempre entendi que o mais prudente e sobre tudo o mais proveitoso em materias de reformas, era começar cada um por si mesmo.

Ah! que se em vez de levar-mos os dias a criticar pastoraes, provisões, equipagens dos nossos prelados, nos applicassemos a tomar-lhe o ensino com animo docil e coração humilde; se respeitassemos bastantemente n'elles a sua dignidade altissima; se não nos prendessemos na lettra que mata e procurassemos o espirito que vivifica; se emquanto discutimos obdecessemos, quer-me parecer que bem melhor iriam as cousas.

Isto digo de nós os ociosos, sempre dispostos a descarregar *generosamente*

sobre os prelados to la a responsabilidade, cuidando satisfazer assim a Deus e acomodar o estímulo da propria consciencia.

Que demais, bem compreendendo a magua, o desanimo do lidador indefesso, abandonado no fervor da peleja, sem um aperto de mão nem uma palavra do seu chefe, vendo por outro lado rotas as filias, e o inimigo victorioso por incuria dos nossos, insultar aos vencidos!

E' esta *uma indignação bem legitima!* em todos os corações desperta sympathias! assim ella despertasse dedicações reaes e effectivas, que era o de que muito se carecia.

Entretanto lembrarei aos nobres paladinos a palavra de S. Paulo, seu modelo no afanoso lidar: *sufficit tibi gratia mea*, disse o Senhor, *virtus in infirmitate perficitur*: basta-te a minha graça; o valor medra com a desprotecção.

A'vante pois! Deus o quiz e Deus o vê!

E' esperanza minha que teremos em Portugal bispos a competir com os demais, quando formos dignos d'essa graça. Por ora louvemos a Deus, que nem tão bons os merecíamos.

Ninguem negará que o nosso episcopado tem melhorado bastante ha dez annos a esta parte: é um episcopado digno, cordato, irreprehensivel nos costumes, orthodoxo, illustrado, bastante dedicado á formação do seu clero, e a cultivar as boas relações com a Santa Sé.

Em circumstancias normaes, nos seculos de fé, quando todas as emprezas para o bem caminham quasi de per si, quando o mal não topa onde lance a raiz, seria mesmo um optimo episcopado.

Presentemente bem carecíamos de mais, de muito mais, é certo; mas não lhe havíamos de formar culpa por não medirem a estatura dos gigantes, e entregarmo-nos pela nossa parte ao *dolce far niente* dos perdidos.

«Vença-se cada um a si mesmo e já não terá que lutar com os outros», diz o illustre P. Felix S. J.; conheça-se cada um a si mesmo e não julgará os outros, accrescentarei eu.

Sejamos verdadeiramente dedicados ao bem e tudo irá pelo melhor.

Pensemos hem quanta responsabilidade sobre nós, se não só abandonamos ao fogo inimigo os nossos chefes, e ainda por cima os metralhamos com as nossas impaciencias insoffridas. A que ficarão reduzidos n'esta posição creada pelo nosso procedimento esquivo, maligno e egoista?

Mudemos pois de estrategia, que bem o mereço o interesse capital da Igreja e da sociedade que, já agora, entre nós, hão de correr ambas os mes-

mos fados; e tambem o exige a equidade, pois apezar de todos os pezares, ainda possuímos mais d'um de quem possamos afirmar com segurança e ufania: eis ali uma alma de bispo!

Eis quaes as rapidas reflexões que me suggere o assumpto que tomei para lemma d'este artigo. Mas longe de mim o pretender ligar-lhes uma infallibilidade que por certo não teem. Não passain de modestas apreciações que submetto á esclarecida razão do leitor: não excluem por fórma alguma o respeito que professo pelos que não pensarem como eu. Não é questão de fé, portanto, *unusquisque in suo sensu abundet*.

PADRE MARTINS CAPELLA.

SECÇÃO LITTERARIA

A eschola classica, a pintura e a litteratura em Hespanha

Similhante á corrente de caudaloso rio, que, ao transpôr a foz, se mette pelo mar dentro, deixando por largo espaço um rasto de esmeralda n'uma superficie de verde-negro, a litteratura e a pintura hespanholas, conservando sempre a côr local, chegaram ao seu apogeu em meio do renascimento retrogrado das letras e artes classicas, começado nos fins do XV seculo.

Renascimento retrogrado!!

Parece-me já ouvir bombasticas exclamações aturdiundo-me os ouvidos e accusando-me de blasphemador.

«Pois que! Os seculos de Leão X, de D. João III e de Luiz XIV, os seculos que viram nascer o Cardeal Bembo e o Tasso; Ticiano, Rafael e Miguel Angelo; Corneille, Racine e Moliere; Ferreira e Camões são seculos de retrocesso?»

Quando é que as letras e as artes tiveram mais brilho do que n'essas oadas aureas, esplendidas irradiações da alma Grecia?

Queres acaso que reduzamos a cinzas os eternos modelos do bello, a Illiada e a Eneida, a Venus de Medicis e a de Milo, o Apollo do Belvedere e o Laocoonte, inexcelsos padrões do genio, bem como a Jerusalem Libertada e os Luziadas, o Theseu e o Perseu de Canova, preferindo a estas grandes notas da inspiração os rudes ensaios poeticos das edades medievas, as Canções de gesta e os Niebelungen, e as esculpturas bysantinas com os seus corpos toscos como a barbarie?

Por ventura nos queres fazer recuar a essas epochas de obscurantismo em que era desconhecida a perspectiva, parecendo as figuras como que coladas no

fundo do quadro; em que era menos prezado o estudo da natureza e da forma humana; em que se ignoravam as proporções e a anatomia?

Mas, pelo amor de Deus, fazei alto por um momento, e depois de ouvir a minha justificação, se vos approuver, condemnai-me,

Entre as grandes evoluções porque tem passado a humanidade sobressae uma, não fatal e necessaria como quer a eschola positivista, mas providencial e obra da graça, que é o fundamento e ponto culminante da verdade, e alicerce e base das modernas sociedades.

Como o pelicano rasgando os seios para alimentar a prole, o Christo abriu as veias para que o homem se dessedentasse no seu sangue preciosissimo, e abençoando do alto da Cruz a grande obra da Redempção ficou esta sendo o ponto de partida do novo mundo social; e uma nova ordem de verdades succedeu ás caducas e euvitecidas crenças do paganismo.

«O Christianismo não é uma nova philosophia, que vem augmentar o catalogo dos antigos systemas, diz um escriptor distincto; não é uma nova organização politica que vem reatar as cadeias do homem, não; é a renovação de toda a vida humana pela presença de Deus no mundo e no espirito. Os seus dogmas unem por meio de maravilhosa attracção os homens entre si e Deus com os homens; mystica harmonia animada pelo amor».

Não ha paginas mais consoladoras na historia e que mais vivamente despertem os sentimentos d'uma fé viva, como as que nos transportam á epocha em que se desmoronou esse colosso do imperio romano, synthese de toda a civilização antiga, para dar lugar a uma nova civilização que recebia da cruz a seiva vivificadorã.

A Roma dos Cesares tinha visto as aguias caminharem ovantes até aos ultimos confins da terra então conhecida; corroída, porém, pelas ulceras do sensualismo estorceia-se no leito de dôr, quando um pobre pescador da Galiléa lhe applicou o cauterio, que havia de sanar os membros apodrentados.

Rasgam-se desde então novos horizontes á humanidade, e as letras e as artes insufladas pelo espirito regenerador do Christianismo, começam a bracedar robustos e vicejantes ramos.

Para melhor comprehendermos o que eu chamo «renascimento retrogrado» esboçemos desde os primordios essa renovação artistica e litteraria operada pela ideia christã, a qual trazia em si o germen que havia de fructear as mais esplendidas manifestações do espirito.

Se a falta de fé e as paixões que d'ella são corollario, cavaram a ruina do

mundo antigo, só a crença firme podia remoçar e regenerar o mundo moderno; porque a religião é o unico esteio inabalavel das sociedades e a inspiradora de tudo o que ha de grande e sublime na vida do homem.

Este pensamento eminentemente civilizador incarnado no espirito dos povos christãos principalmente na idade media foi por elles admiravelmente traduzido e tornado palpavel nas suas creações artisticas e litterarias.

Ainda a nova crença para escapar à perseguição dos Imperadores se occultava nas entranhas da terra e já a arte christã frondeava à luz dos cirjos nas reconditas cavernas das catacumbas.

Creio que de bom grado me perdoareis a transcripção de algumas passagens de Emilio Castelar sobre «os subterraneos de Roma».

«A quatro millas ao Oriente de Roma, entre a Via Appia e a Via Ardeatina, sob montões de ruinas onde se encontra toda a classe de fragmentos, junto a bosquetes de cyprestes que augmentam a tristeza e a solemnidade da paisagem, esconde-se a mais vasta e a mais bella das necropoles christãs, refugio dos perseguidos, viveiro dos martyres, descanso dos mortos, templo dos vivos, assembleia d'aquelles audazes innovadores, que traziam uma nova luz à historia e um novo ideal à vida.

.....
Das catacumbas de S. Sebastião fomos ás de S. Calixto.

A escuridade era grande, completo o silencio.

Pareciamos descidos das tempestades superiores da vida às espessas sombras da morte. Internamo-nos, internamo-nos muito. Se a luz que nos guiara se houvera apagado como sahiriamos do abysmo!

Não obstante, que repouso! Que especie de tranquillidade n'aquella região da morte! Os fugitivos que alli se acotavam dominaram o mundo. As ideias que alli se plantaram cobriram com a sua benefica sombra, por espaço de muitos seculos (até o seculo XIX inclusivé) os altares e os templos; alimentaram com o seu calor as consciencias; nutriram o coração humano com suas esperanças.

.....
Quem diria que haviam de triumphar estes humildes sectarios!

.....
Que força tinham, que força? armas? A sua palavra. Riquezas? A sua fé. Poder? O de sua resignação no soffrimento. Legiões? As legiões dos martyres. Propriedade? A de suas sepulturas.

.....
E os vencidos venceram, os proscriptos reinaram, os mortos foram os dispenseiros da vida, os debeis domaram com suas mãos trespassadas pelos cravos

da cruz a selvagem fereza dos barbaros, e o seu condemnado ideal transformouse no sagrado labaro da nova vida.

E' impossivel que estas reflexões não assaltem e dominem o espirito dos que camloham por aquelle immenso labyrintho de ruas subterraneas.

São os sulcos onde se plantaram os germens das ideias christãs. Ali estiveram largo tempo guardadas da perseguição como a semente do trigo debaixo dos gelos do inverno.

.....
Os signaes epigraphicos, as figuras meio apagadas, os jeroglificos esculpidos nas pedras tumulares, as imagens sagradas d'aquelles tempos, nos transportam ao seu tempestuoso seio.

Parecia-nos ouvir a psalmodia religiosa meio reprimida pelo terror; vêr a chegada dos que traziam os restos dos martyres, recém-collidos no espolio do Circo, para deposital-os em urnas e alçar ao pé d'estas urnas o modesto altar onde ardia a mystica lampada.

Viamos pintados a fresco ou esculpidos em pedras o peixe milagroso, representativo do Salvador; as ancoras, symbolo da esperanza; o cajado e o surrão do bom pastor; o cordeiro humilde prompto para o sacrificio; a nau da igreja desafiando todas as tempestades: a vinha mystica, cujos racimos e sarmientos encliam a terra; a mulher divina deslizando sobre as aguas do mar com o seu filhinho entre os braços e a estrella na fronte; a ceia em que se repartia o pão eucharistico entre os primeiros christãos, ceia frugal, alimento da alma, protesto vivo contra as orgias do Imperio; a resurreição de Lazaro sahindo rejuvenecido e aformoseado do seu sepulchro, graças ao Verbo divino que acercando-se de seus ossos os desporta à nova vida, como a doutrina evangelica ao Velho Mundo.»

Mas basta de transcripção, que já vae longa. E' que eu sinto um vivo prazer quando posso arrancar da bocca dos inunnigos da Igreja estas confissões ingenuas, que são para mim uma prova evidente de que o sol da verdade, apesar das nuvens com que a impiedade tem querido offuscar-lhe o brilho, as atravesa com seus raios omnipotentes para esclarecer as intelligencias.

E', pois, nas catacumbas que se filia a arte christã e os pintores das idades apostolicas são os progenitores gloriosos dos pintores mysticos que na successão dos seculos se lião de chamar Cimabue e Giotto, Fra Bartholomeu e Fra Angelico, Zurbaran e Murillo.

As imagens do Bom Pastor que umas vezes acaricia as suas ovelhas e outras corre em busca das extraviadas, já soltando sentidos ais pela dispersão do seu rebanho, já contente descansando à porta do seu tugurio, e as mulheres sup-

plicantes que com os braços levantados ao céu imploram graças e benções para a terra, ou como no cemiterio de Santa Petronilha, a Virgem sentada estreita contra seu peito o menino Jesus; todas estas imagens, nascidas espontaneamente da nova fé, são as raizes da nova arte pictorica, que agrupou as suas melhores produções em volta do Christo e de sua Mãe.

Começa desde então a operar-se uma completa revolução na pintura, em tudo semelhante à que se tinha operado nas crenças, e a belleza moral que resae dos quadros da idade-média é filha legitima do espiritualismo christão, como a só belleza phisica das artes plasticas é um producto natural do sensualismo pagão.

Quem levantou altares à deus da concupiscencia, como poderia elevar-se às ideias de pureza e castidade, brancos lyrios do jardim catholico e ensinar a piedade, como S. Cyrillo afirma das pinturas christãs, *nostrae picturae pietatem docent?*

A Jupiter Olympico, susceptivel de todas as paixões que degradam o homem, e ainda ao Apollo de Belvedere, a mais bella estatua que nos legou a artistica Grecia, (e que na opinião de Winkelmann representa o deus da poesia e das artes n'um movimento de indignação contra a serpente Python que acabava de ferir mortalmente, manifestando o desdem pela elevação do labio inferior e a cólera pela intumescencia das azas do nariz), contrapoz o christianismo a sublime e augusta figura do Homem-Deus, o amantissimo Jesus, Creador e Salvador. Juiz e Pai, em quem se reflecto a par da grandeza e magestade da sua missão sobrenatural, uma bondade ineffavel com alguns laivos de severidade, tornando-se esta quasi imperceptivel pelo brilhantismo de sua misericordia infinita.

As seductoras Venus, capazes de incendiarem o Olympo em voluptuosos desejos, foram substituidas na nova crença pela Virgem sem macula, a purissima e castissima Maria, maravilha de candura celeste e Mãe amorosissima que deu a vida ao Redemptor do mundo.

Foi em Roma, centro do catholicismo e nos paizes que recebiam em cheio a benefica influencia da cidade dos Pontifices, que a arte puramente christã desabrochou mais livre de quaesquer influencias estranhas.

As continuas invasões, porém, dos povos barbaros, que vinham caldear o sangue puro que lhes girava nas veias com o sangue deteriorado dos romanos, e que convertidos mais tarde ao christianismo haviam de ser os seus mais estrenuos defensores, abalando profundamente o imperio do Occidente, retardaram por algum tempo o espontaneo progresso das bellas-arts, animadas sem-

pro pelo incansavel zêlo dos supremos hierarchas da Egreja; pois se o Papa tres vezes grande S. Leão pôde reter ás portas de Roma, só com a sua augusta presença, o feroz rei dos Hunos, e se ainda pôde conseguir do ainda mais feroz rei dos Vandalos, que a cidade eterna não fosse levada a ferro e fogo, não pôde todavia evitar que fosse saqueada.

(Continúa)

PADRE F. SANCHES.

A cidade que habito

Credis ne vivant ossa ista?
Domine, tu nosti.

Julgas que estes ossos teem vida?
Senhor, tu o sabes.

Eu quizera pintar-vos a cidade que habito. Tein ella sido para mim durante muito tempo assumpto de estudo e de reflexões. Ajudou-me a comprehender o passado, e hoje muitos factos da historia que me pareciam inexplicaveis, me parecem naturaes.

E' uma velha cidade portugueza; pouco tomou da civilisação do seculo XIX, e de seus aperfeiçoamentos materiaes. Nada de caminhos de ferro, nada de theatros, muito poucos fios electricos, nada de fabricas, nada de macadame, nem de gaz. Alguns pallidos candieiros procuram suppril-o, mas para alumiar estas ruas estreitas e tortuosas, a melhor luz é ainda assim a da lua.

Pela sua população conserva o meio termo entre as grandes e as pequenas cidades. Teem condes, viscondes, barões, quasi todos de fabrica moderna. Ao ver o merito d'elles pergunto a mim mesmo porque tem tão poucos.

Ostenta uma burguezia rica, inepta, preguiçosa e voluptuosa, cujos membros são mais ou menos *caballeros* ou commendadores. Possui quatro lojas maçonicas, seis jornaes, cinco clubs, uma praça da Constituição, um largo da Liberdade. Possui tambem tres conventos onde ha ao todo onze freiras.

Tudo isto é liberal. Desde o conego da Sé, de meias roxas, que se pavoneia como um consul romano até ao sacristão chupado como um rato d'egreja que é, desde o governador até ao modesto empregado da camara municipal, desde a viscondessa até á freira, todos são liberaes.

O' liberdade! querida liberdade!

Ha tambem o povinho miudo, os pobres obreiros que trabalham de pedreiros ou de canteiros nas ruas, ou vegetam nas officinas. Vem de manhã dos arrebalde e voltam de tarde.

Pobres homens! Constituem um mundo á parte ao lado dos habitantes da cidade, onde reside o verdadeiro mun-

do. São uma reliquia do passado, um vestigio da idade media. Teem uma multidão de costumes que os sabios, os espiritos fortes desprezam. Não se parecem em nada com os afreguezados do café e da praça da Constituição. Estes fallando d'aquelles dizem sempre: são brutos. Os outros respondem tirando o chapéu: Tenho a honra de cumprimentar a vossa Excellencia.

Sempre me lembrarei do meu primeiro lance d'olhos para os habitantes d'esta cidade inolvidavel. Havia musica, uma musica picaresca na praça da Constituição! Tocava-se uada menos que Madama Angot! As pesadas matronas faziam gemer a bancada. O' musica de Lecoq! Que espectadores e que massas! Tu, que farias dançar as pyramides do Egypto, devias por força, ao vel-os, sentir-te impotente. Os *marialvas* passeavam os seus bigodes de corda, e as suas caras de paschoa. Como pareciam satisfeitos das suas pessoas! Não ha lord inglez, nem principe russo mais vaidoso que os habitantes da cidade em que habito. Quereis vós conhecer um d'elles?

Ahi vem justamente o commendador da ordem de Christo, da Conceição, de Aviz, etc., o exc.^{mo} snr. Silverio Silvestre da Silveira Pinheiro.

Leitor, tenho a honra de te apresentar o commendador Silverio Silvestre.

«Grande seculo é o nosso, diz elle; é o verdadeiro seculo da civilisação e das luzes. A instrucção é derramada ás mãos cheias (ou aos potes), os preconceitos desapparecem, o fanatismo acudido foge para terras menos civilizadas, o povo de progresso em progresso chega á perfectibilidade de só guiar-se pela razão infallivel.

«Os proprios padres, sob pena de cessarem de existir, não teem remedio senão caminhar consoante as ideias do dia, e os mais intelligentes d'entre elles estão hoje filiados nas nossas tojas. Não sei até se algum bispo a ellas pertence.

«Eu cá sou catholico, apostolico, romano, accrescentou o commendador; mas quero a verdadeira religião, desempoeirada de superstições. Para que me deu Deus a razão senão para julgar de tudo? Sim, sou catholico, e todo o portuguez o é como eu. A religião catholica é a religião do Estado, a religião do 5.º artigos do codigo; porém fóra com os absurdos da curia romana! Fóra com a Immaculada Conceição, com a infallibilidade pontificia, com a especulação de Lourdes etc.

«A grande chaga do nosso paiz é o fanatismo. Oh! o fanatismo! O ultramontanismo! Quem dêra cabo d'elles.

«Os jezuitas enxameiam por toda a parte! Os lazaristas, sob o pretexto da caridade, preparam a nossa ruina.

«Mas nós cá estamos. Estamos álerta, havemos de malograr os planos da reac-

ção. Desgraçados d'esses novos apóstolos! Não precisamos d'elles para ter religião. Olhe, eu, commendador da ordem de Christo, nunca deixei de me confessar por desobriga; se não vou á missa no Domingo mando a minha mulher, e mostro a todos que se pôde ser bom catholico e maçonico convicto.

«Deixemos correr o tempo e as ideias. D'aqui a pouco já não haverá vestigio algum da idade media. A civilisação cubrirá tudo com o seu brilhante manto. Não haverá outro culto mais que a liberdade.»

—Eis o que D. Jeronymo nos disse com convicção e eloquencia. Disse ainda muitas outras cousas. Julgal-o iam um oraculo ao ver a solemnidade de sua palavra.

Apresentamos-lhe modestamente algumas observações.

— A instrucção não está espalhada ás mãos cheias, está até muito pouco espalhada. De todos os paizes da Europa, Portugal é o que tem ainda hoje menos escolas primarias, e o que paga um ordenado mais reles ao professorado das ditas escolas.

Soberbo progresso! Quanto menos o povo souber ler tanto melhor será. Em ler os vossos jornaes e os vossos livros que ganhariam?

Fallaes em fanatismo. Portugal não conheceu propriamente o fanatismo religioso. Não tem tido essas longas guerras religiosas como a Alemanha ou a França. Não viu em seu seio a violencia e as melidas crueis que a Inglaterra empregava contra os dissidentes, por meio de Cromwel e da rainha que os ingleses chamam, quando se querem rir, a *rainha virgem*.

Portugal tem sabido defender a sua fé sem violencias e sem esforços. Ah! que grande era Portugal quando catholico!

O unico fanatismo que Portugal conheceu, foi o fanatismo maçonico e liberal de Pombal e de seus netos d'hoje.

O' sangue de Malagrida, ó jesuitas, victimas d'aquella hyena, vós ahi estaes para nos dizer o que vem a ser este fanatismo.

Mas para que ir tão longe?

Os padres hoje não podem trazer o habito nas ruas sem serem grosseiramente insultados.

O nome de jesuitas faz-vos levantar os cabellos na cabeça.

Os lazaristas com desprezo de todas as leis de honradez, são calumniosamente insultados no theatro.

As irmãs da caridade (vergonha!), em tempo normal, de sangue frio, foram expulsas de teu seio, ó Portugal.

As ordens religiosas são proscriptas; tudo o que tens de glorioso vem d'ellas.

A instrucção publica, tirastei-a á Egreja para a dirigir contra a Egreja.

A educação clerical fizeste todo o teu possível para a aniquilar. Quizeste ter padres, segundo as tuas ideias e não podendo introduzir os seminários em tuas lojas introduziste as lojas nos seminários.

Por teu fanatismo liberal estás pres-tes a perder as tuas colónias. Vê! che-
gou-se a ponto de desejar para as tuas
colónias d'África a mesma liberdade re-
ligiosa que ha na Europa, na China e no
Japão. Tiveste medo da religião e pre-
feres-lhe a barbaria.

Eis o fanatismo, o verdadeiro fanatismo liberal, o teu; domina tudo no teu paiz.

Estes pobres homens que trabalham ao sol, creem, oram e confessam-se. Saúdam o padre e recitam o terço. Amam a religião mais que tudo e detestam a maçonaria mais que tudo.

E chamais-lhes fanaticos.

Os mancebos airados, que no café leem o jornal, insultam as cousas sagradas e acompanham com o seu riso satyrico alguma ignobil pachuchada. Quando um padre passa lançam-lhe insultos não podendo ainda impunemente lançar-lhe pedras.

E dizeis que quem assim obra é gente de bem.

Quando a pobre irmã da caridade passa por elles, ao ir visitar os pobres, a tal gente de bem desfecha-lhe cobardemente um dicterio obsceno. Para ella, o cumulo da illustração consiste em insultar essa mulher consagrada a Deus e aos pobres.

Portanto, não sou do vosso parecer, D. Silverio; os vossos civilizados para mim são rematados selvagens e o povinho miúdo que teme a Deus e respeita os homens, merece muito mais o titulo de civilizado. Praza a Deus que elle nunca chegue á civilização dos vossos *illustrados*.

No dia em que limitar á materia as suas aspirações, no dia em que preferir o gosar de hoje ao gosar d'alémtumulo, ai de vós burguezes! . .

SPECTATOR.

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

Historia popular dos papas

A Livraria Internacional do sr. Teixeira de Freitas, de Guimarães, está sendo uma das primeiras no editar obras de reconhecido merecimento e provada utilidade, para os que vivem no gremio da Igreja Catholica. Entre essas, que numerosas são já, avulta como uma das primeiras a «Historia Popular dos Papas, desde S. Pedro até nossos dias»,

por J. Chantrel, versão da ultima edição franceza por Antonio José de Carvalho.

E' obra de cunho e merito superior e melhor testemunho não é mister a comproval-o do que o excellente acolhimento que hão tido as numerosas edições que d'ella tem saído á luz em França e vae tendo entre nós a edição de que nos estamos occupando.

Por isso e por que de necessidade é que pelos catholicos se contraponha á deletoria «Historia dos Papas» de Lachatre, que tão largo curso vai tendo, e a outros livros escriptos sob o mesmo espirito derrocador de todo o passado, justa e rasoada defeza d'este e de suas grandezas, uma das quaes realisada pelo Papado, applaudimos a apparição entre nós da «Historia popular dos Papas», e para mais nas condições em que a está dando á luz o sr. Teixeira de Freitas, tão ao alcance de todas as bolsas.

E por sem duvida que é publicada em duas edições—uma popular a 200 réis o fasciculo de 80 paginas em 4.º a 2 columnas—e outra superior (1) a 250 réis o fasciculo, de modo que a obra vindo a constar de 3 vol. não excederá por assignatura a 3:600.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Teixeira de Freitas, editor, rua de S. Damazo, 30 a 34, Guimarães.

R. VELLOSO.

«Aurora do Cavado».

RETROSPECTO DA QUINZENA

A Hespanha, essa nação fidalga, a patria de tantas notabilidades, de tantos homens que se sacrificaram pela *liberdade*, está dando provas d'um *atrazo*, d'uma *selvageria* pasmosa! Quem havia de dizer que o paiz onde se deram os *gloriosos* acontecimentos de 1833 a 1843 quando os frades eram assassinados na propria cama se estavam enfermos, ou aos pés do altar se cumpriam os deveres do seu sagrado ministerio, havia de retroceder aos tempos *obscuros*, em que as ordens religiosas se oppunham á torrente de impiedade que tentava tudo arrancar em sua passagem? Quem diria n'essas gloriosas epocas, quando se aconselhava em pleno parlamento que se prescindisse da auctoridade do Papa;

(1) A edição superior está completamente esgotada.

que quem quizer religião a compre, e quem quizer missa é pagar: quem diria, repetimos que em poucos annos tudo havia de mudar, e que a arvore gigantesca da *liberdade* regada com o sangue de tantos *martyres* havia de murchar!

Oh! nobre Hespanha! Oh! patria dos Conchas e dos Castelares, que vaes ser presa do *fanatismo*, do *obscurantismo*, do *despotismo*! Oh! nobre nação, que mostraste ao mundo a bandeira da *liberdade* ao clarão das chamas de Alcoy e Cartagena, que vae ser de ti? Onde os legisladores que decretaram a extineção das ordens religiosas, que fizeram desaparecer esses homens inimigos do *progresso* e da *civilização*? Onde estão que não vêem o que se está passando em algumas das tres cidades? Que não vêem que o *fanatismo* vae arrebatando para dentro das *gelidas* paredes de um convento as mimosas florinhas que tanto podiam abrilhantar o mundo, as festas, os bailes.

Seja prova do teu *atrazo* oh! Hespanha, a noticia que transcrevemos do nosso illustrado collega de Valencia, «La Union Catholica»:

«No convento das monjas de Santa Ursula, hontem de tarde, recebeu o habito de noviça a joven Maria Theres-Lopez, educanda do collegio de S. Viente Ferrer.

«A joven Maria Theresza tem apenas 18 annos de idade, e é altamente formosa. Vestia elegantemente um traje recamado de flores, e adornava a cabeça com rosas e pedrarias, quando se apresentou no templo acompanhada dos padrinhos.

Ao chegar cahiu de joelhos aos pés do altar mór, onde se conservou até que chegou o padre visitador, acompanhado do vigario das monjas, que benzeu o habito e a coroa que havia de vestir a promettida esposa de Jesus Christo.

Dirigiu-se em seguida á porta do convento, que se abriu de par em par, e appareceram as que vão ser suas companheiras.

Apenas entrou no convento prostrou-se aos pés d'uma imagem de Jesus crucificado, beijou a terra, abraçando-se em seguida aos pés de Christo que beijou com admiravel devoção. Depois deu o osculo de paz e abraçou a cada uma das monjas que com velas accesas a haviam esperado.

Subindo á cadeira da verdade o dr. Encinas recitou um magnifico discurso, durante o qual as lagrimas de contentamento brilhavam nas faces de todos os que allí eram presentes.

Em seguida foi a joven despojada das galas que levava do mundo, e vestida com o saial, escapulario, capa e correia, que constituem o habito das Ursulinas. Logo que a comunidade findou o canto

Veni Creator, foi a formosa noviça co-
roadada de rozas, em signal de pureza e
de promettida esposa de Jesus.

O acto foi extraordinariamente con-
corrido, a ponto de não se poder entrar
na igreja. Estas ceremonias enchem so-
bretudo de santa uncção a alma christã
e eleva o espirito até às regiões immor-
taes.

Ahi fica descripta uma cerimonia
desconhecida para todos os portuguezes
que, como nós, não viveram no tempo
do *obscurantismo*. E' por isso que lhe
demos um lugar n'esta secção.

E já que nos occupamos do *atraso*
das nações, não é mau deixar aqui ar-
chivado o que nos diz a «Palavra», es-
timado collega da cidade da Virgem,
com respeito á Inglaterra:

«Uma senhora ingleza foi despojada
da tutela da propria filha de idade de
8 annos, por causa do seu atheismo.
Seu marido, de quem vivia separada,
requereu á justiça que declarasse que
uma pessoa athea, ainda que fosse a
mais honrada do mundo todo, é indi-
gna da tutela de seus filhos. Deu-se-lhe
razão; e a mãe athea foi excluida da tu-
tela.

Este facto não é o unico em Ingla-
terra. Sentenças identicas foram pro-
nunciadas, ha tempos, contra o poeta
Shelley e o philosopho Mill.

Não ha que vêr, vae tudo para *traz*.

Ahi vae mais. E' do nosso collega
de Lisboa, a «Nação»:

«*Licção a catholicos*.—A Universi-
dade de Cambridge, composta exclusi-
vamente de anglicanos, depois de trez
dias de discussão sobre a suppressão
dos conventos em Inglaterra deliberou,
por uma maioria de 28 votos, n'estes
termos:

«A suppressão dos conventos por
Henrique VIII foi a maior das desgra-
ças para o paiz, e as circumstancias
actuaes exigem o estabelecimento de
instituições analogas entre nós.

Os inglezes sempre são muito excen-
tricos! Até querem frades!...»

A' vista do que ahi fica, podemos
afoutamente dizer que o mundo torna
para *traz*, o que não quer dizer todavia,
que torne tanto para *traz* como o que-
rem fazer os amigos da *liberdade*, que
o querem fazer chegar aos tempos dos
Neros e dos Dioclecianos.

Felizmente Portugal ainda não deu
um passo para *traz*, continua no seu
frenetico caminhar por *diante*.

**

Foi condemnado á morte o regicida
Passavanti, apesar da defeza do seu de-
fensor, que não teve receio de em pleno
tribunal soltar estas palavras:

«Como pôde parecer execravel o re-
gicidio n'um paiz onde se apresenta
como signal de veneração e respeito o
nome d'um regicida, Agesilao Milano?

Como se pôde negar a compaixão
ao obreiro reduzido por depravadas
theorias, quando essas theorias, com a
connivencia do governo, achar a apo-
theose d'essas theorias na pessoa d'um
soldado traidor, que emprega as armas,
fornecidas pelas nações contra os seus
superiores?»

Visto que nos occupamos de Passa-
vanti, não deixaremos de transcrever
um pequeno periodo do «*Osservatore*
Ferrarese», que depois de attribuir ao
estado actual da Italia o desvairamento
de Passavanti, finda com estas palavras:

«Ha muitos annos que o Estado tem
confessado de mil maneiras differentes,
que admite uma grande distincção en-
tre os assassinos *communs* e os assassi-
nos *politicos*, fazendo pesar sua ferrea
mão sobre os primeiros e absolvendo e
exaltando até os regicidios.

Minar palacios, assassinar sentinel-
las, apunhalar empregados publicos, in-
vadir á mão armada o territorio alheio,
matando os primeiros que lhe resistem;
saquear e destruir brutalmente por cau-
sas politicas, ainda que sejam cousas
reprovadas pela consciencia de todos os
povos, tem sido consideradas cousas
insignificantes e dignas do italianissi-
mo reino de Italia.

Escrevem-nos do Funchal:

Sabeis que todos os invernos a Ma-
deira reune uma numerosa colonia de
estrangeiros que veem pedir ao seu cli-
ma encantador o alivio ou a cura com-
pleta para seus soffrimentos. Commovi-
dos de compaixão á vista do abandono
em que se acham muitas creanças pobres
da nossa cidade, varios d'estes estran-
geiros reuniram-se a fim de estabelecer
uma eschola que dêsse instrucção gra-
tuita, e fornecesse um orphelinado onde
fossem educadas algumas meninas. A es-
chola e o orphelinado foram confiados
às irmãs da caridade. Para augmentar
os recursos da obra resolveu-se fazer
um bazar.

Teve lugar nos dias 25 e 26 de fe-
vereiro ultimo. O successo foi esplendi-
do. Jámais se viu bazar na Madeira que
dêsse tão bellos resultados. 1400 dollars
foram reunidos em dous dias. Não hou-
ve um só estrangeiro que não fizesse a

honra de ir ao bazar, dispender seu di-
nheiro praticando a caridade. Os protes-
tantes não mostraram menos ardor que
os catholicos e por 1:400 dollars, 1:000
pelo menos sahiram da sua bolsa. Este
bazar encontrou todavia numerosos ad-
versarios. Côro de dizel-o, foi entre os
portuguezes. Houve muitos de entre el-
les que não appareceram lá, e fizeram
da sua parte o que poderam para im-
pedir outras pessoas de comparecerem.
«A obra é toda jesuitica, allegavam, por-
tanto não cooperemos para ella». Os
protestantes e os estrangeiros ouvindo
isto, diziam: «Portanto preferem ver
tantas moças pelas ruas, em camisa e
até nuas? ou são, elles catholicos, mais
intolerantes para com as irmãs da cari-
dade que nós que somos protestantes?»
Sem embargo, a justiça manda dizer
que não poucos madeirenses se mostra-
ram n'esta circumstancia dignos do no-
me de catholicos, ou mesmo simples-
mente, de *homens*, despresando o fanat-
ismo dos intolerantes sem entranhas.

**

Recebemos o «*Bolletim do Governo*
Ecclesiastico dos Açores», pertencente ao
mez de março, onde admiramos uma
pastoral do exc.^{mo} e rev.^{mo} snr. D. João
Maria, bispo d'Angra, provando as ne-
cessidades da Egreja e o quanto é agra-
davel que todos os catholicos concorram
com seu obulo para o dinheiro de S. Pe-
dro.

No mesmo «*Bolletim*» encontramos
a descripção das festas em que os alu-
mnos do curso theologico do Seminario
Diocesano memoraram o anniversario
da exaltação de S. Santidade Leão XIII.
Não podemos furtar-nos ao desejo de
transcrever tal noticia.

Eil-a:

Festa Academica—Os alumnos do
curso theologico do Seminario diocesano,
com o louvavel fim de se desinvolverem
e costumarem a falar em publico, com-
binaram entre si espontaneamente, com
aprovação de seus Directores, fazerem
e recitarem alguns discursos scientificos;
e escolheram discretamente o dia 3 de
Março, anniversario da exaltação de sua
Santidade LEÃO XIII, para encetarem o
seu louvavel empreendimento, solemni-
sando d'aquelle modo um dia de tanto
jubilo para o orbe catholicos.

Tendo decorado brilhantemente um
dos maiores salões do edificio, sem con-
vites por sêr o primeiro ensaio, pelas
cinco horas da tarde achando-se presen-
te o Exm.^o e Rvm.^o Senhor D. João Ma-

ria, Bispo da Diocese, e o illustre corpo docente, alguns mt.º rvd.ºs ecclesiasticos extranhos ao Seminario e o Illm.º Sr. Dr. Martiniano Dias da Silveira, meritissimo Delegado do Procurador Régio d'esta Comarca, que se dignou honrar aquelle acto, como excellenter litterato e parente d'um dos alumnos que n'elle tomaram parte; começou a festividade por uma excellenter peça de musica instrumental desempenhada unicamente por alumnos do Seminario, o que lhe dêo maior realce.

Em seguida discorreo o Sr. Eugenio Augusto de Oliveira, estudante do 2.º anno, sobre o modo providencial por que tinha sido exaltado ao solio pontificio Sua Santidade LEO XIII, sobre o que tinha a esperar a Egraja catholica d'este feliz acontecimento, e os motivos que por isso tinhamos de consolação e alegria. E soube ligar este assumpto com o da caridade, que fêz a parte principal do seu discurso.

O Snr. José Estacio da Silveira, estudante do 1.º anno, discorreo tambem depois sobre as esperanças que dá ao mundo catholico a exaltação de Sua Santidade LEO XIII, e sobre os motivos que temos de a solemnizar.

Depois orou o Snr Evaristo Prudencio Anaral, estudante do 1.º anno, sobre o sentimento religioso, natural aos homens em todos os tempos e logaras, e sobre as vantagens que d'elle resultão á humanidade.

O Snr. Agostinho de Almeida Rego, alumno do 2.º anno, falou sobre as grandes vantagens da instrucção, e riqueza de diversas especies que d'ella resultão, tanto temporaes como espirituaes.

E finalmente o snr. Manoel Alfredo Leal Goulart, tomou por assumpto do seu discurso o bom uso que se deve fazer das riquezas, para que aproveitem aquelles que as possuem.

Recitaram todos de cór os discursos, e com desembaraço e propriedade de admirar em quem pela primeira vez se apresentava a figurar em publico, e perante auditorio respeitavel, como aquelle era. Os discursos sendo em regra bem ordenados, tinham o grande merecimento de se ver manifestamente que erão feitos pelos proprios que os recitavam.

Depois dos discursos tomou a palavra o ex.º Prelado, e disse que diferentes motivos davam a este acto maior apreço—a sua espontaneidade, o modo por que tinha sido desempenhado, as recordações que lhe suscitavam do seu antigo Collegio das missões, e a propriedade do dia; sendo tambem para si de grande merecimento o ter encontrado uma orchestra toda do Seminario.

Esta continuou a tocar uma peça escolhida entre cada discurso, e fechou a festa com outra, acabando o acto cer-

ca das sete horas da noute, e deixando a todos satisfeitos.»

* * *

Mais uma vez na camara dos dignos pares se lembrou a necessidade de organizar collegios de missões ultramarinas para d'elles sahirem missionarios que vão levar a cruz e a civilisação ás nossas colonias. Foi o sr. Vaz Preto que, na sessão de 10 do corrente, occupando-se dos negocios do ultramar soltou estas palavras, que [folgamos registrar:

«Outra cousa que eu queria que o governo fizesse, e a que eu daria plenamente o meu apoio, era a organização de collegios de missões ultramarinas, mas não como se acham os que existem actualmente.

Eu queria que se lhe dêsse uma outra orgaoisação, de fórma que todos os annos sahissem d'esses collegios missionarios fervorosos, que ardendo em zelo pela religião, fossem, contentes e alegres, procurar nos sertões da Africa os trabalhos, as difficilimas perigrinações, e talvez o martyrio, levando abí a palavra divina do Crucificado, para trazerem á fé esses espiritos obcecados pela ignorancia e pela estupidez, e que illuminados pela palavra de Deus viéssem no futuro a concorrer para o bem da humanidade.»

Approvamos e por isso mesmo repetimos aqui as palavras do digno par, mas pedimos-lhe que acrescente:

Queremos que haja policia no nosso paiz para que se respeitem e façam respeitar as vocações religiosas. Para que o seminarista das missões, trajando o seu habito, não seja apupado ao passar nas ruas das nossas primeiras cidades, como tem acontecido muitas vezes. Queremos que haja uma mordaca, imposta pela lei, para os que não vivendo d'outro ambiente que não seja o dos cafês e lupanares, se não encommodem, ou ao menos o não mostrem, ao vêr a sotaina do padre. E, n'uma palavra, queremos que não seja um crime o trazer o pobre habito do frade, esse habito que se mostrara nos areas da Africa e entre os palmares da America, primeiro do que os penachos dos nossos soldados. Que não seja um crime o viver em communitade, o resare o comer ao tanger d'um sino.

Foi isto o que faltou dizer ao illustre orador. E é forçoso que se diga. E' forçoso que o povo saiba o que deve aos frades, que os respeite, para que meja duzia de creanças que não sabem

nada d'este mundo não blasonem de sabios só em maldizer os frades.

Como é possivel encontrar rapazes cheios de fé, para irem levar a palavra de Christo aos selvagens, n'um paiz onde se insulta um padre em plena rua? Que pôle esperar o missionario entre os selvagens se entre povos civilizados só encontra o insulto grosseiro e estúpido?

Respeite-se no continente o habito, acostumem a mocidade a vê-lo desde creança e depois não faltará quem o vista e quem leve a civilisação, onde a não levarão nem as bayonetas, nem os exploradores.

* * *

«A Universidade de Londres, diz um collega, abriu este anno todos os seus cursos ás mulheres. Em vista d'isto apresentaram-se para a matricula na universidade, que exige habilitações identicas ao bacharelato em lettras das universidades de França, 11 alumnas, das quaes uma só não foi admittida.

As faculdades das artes e do direito no collegio da universidade foram durante o trimestre d'outubro ao Natal, frequentadas por 225 mulheres, das quaes 27 se consagram exclusivamente ao estudo das bellas artes.»

E' assaz agradavel a noticia, mas notamos agora uma grande falta na Universidade de Londres, falta que é de urgente necessidade preencher. Lembremos a criação d'uma aula de cosinha, outra de costura e outra para cada um dos trabalhos domesticos, as quaes aulas vem ser frequentadas por homens; pois que a não ser assim, e dedicando-se ás sciencias que pertencem ao sexo forte não haverãem casa quem se encarregue d'essas pequenas cousas de que só a mulher, antes de ser scientifica, sabia tratar.

E que bonita cousa não será depois para um pae mandar a filha cursar á Universidade enquanto o filho fica em casa a cuidar das camisas e das meias da familia!

Que bellos tempos nos esperam!

TEIXEIRA DE FREITAS.